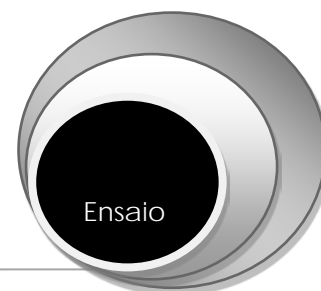


Falar de utopia em tempos de crise



Fátima Vieira | CETAPS – Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese
Studies | Universidade do Porto

Todas as utopias se revelam em tempos de crise

Bronislaw Baczko¹

Tornou-se já um lugar comum afirmar, como o faz Bronislaw Baczko na frase em epígrafe a este ensaio, que os tempos de crise são particularmente propícios a utopias. Esta constatação não deve contudo remeter para a ideia de que a utopia grassa, nesses períodos, como uma forma de escapismo, na lógica da procura de uma compensação de um mundo que é apreendido como insatisfatório. É certo que a utopia oferece frequentemente uma imagem invertida da realidade (em tempo de guerra sonha-se com a paz)², mas não podemos esquecer que essa inversão assenta numa leitura crítica do presente. A imagem invertida (ou “distorcida”, como lhe chama Melvin Lasky)³ pretende levar-nos à reflexão sobre o mundo em que vivemos e o mundo que poderemos ajudar a construir. Paul Ricoeur identifica com inteligência o principal valor das utopias: em primeiro lugar, elas fazem-nos compreender a contingência da ordem estabelecida; em segundo lugar, oferecem-se como uma arma da crítica (Ricoeur 300).

Na defesa que faz do pensamento utópico, Boaventura de Sousa Santos sublinha bem o movimento de abertura, expansão e reconstrução que caracteriza a perspetiva contemporânea da utopia. No último capítulo de *Toward a New Common Sense* – com o curioso título “Don’t shoot the utopist” –, Sousa Santos é peremptório no modo como afirma que o único caminho possível é a utopia, isto é, “a exploração, através da imaginação, de novos modos de possibilidades humanas” fundamentados na convicção de que somos capazes de

construir “algo de radicalmente melhor por que valerá a pena lutarmos, e a que a humanidade tem inteiro direito” (Sousa Santos 479)⁴. A relação entre a imaginação utópica e a realidade é igualmente salientada por Sousa Santos num duplo sentido: por um lado, a utopia evidencia aquilo que falta no presente – “a (contra)parte silenciada daquilo que existe, o mesmo será dizer, aquilo que é parte de uma época particular pela forma como se posiciona na margem”; por outro lado, embora pareça distante da realidade, a utopia imagina o *novo* “a partir de novas combinações e escalas daquilo que existe, a maioria das vezes pequenos detalhes obscuros daquilo que existe” (*ibid* 480).

Esta perspetiva da utopia oferecida por Sousa Santos é sem dúvida importante pela forma como evidencia a relação entre a imaginação utópica e o real, lançando luz, em particular, sobre o modo como a exploração de outras possibilidades se faz a partir de algo que existe já nas margens. Trata-se, no fundo, de se promover um movimento que faça com que as margens se vão dirigindo para o centro, tendo-se contudo o cuidado de evitar que elas se tornem o centro absoluto – isto é, que o discurso utópico se fossilize e transforme em ideologia.

A ideia de que a utopia está já presente nas margens da sociedade tem vindo a ser igualmente sublinhada por Eduardo Galeano. Para o escritor uruguaio, que se tem vindo a distinguir pelas inúmeras intervenções públicas que fez em defesa da utopia, “há muitas realidades a querer nascer”; o problema é que não estamos treinados para as ver.⁵ Esta questão é colocada de forma perspicaz e pertinente pelo escritor português Gonçalo M. Tavares que, em *Breves Notas sobre a Ciência*, explica que o progresso científico ocorre quando alguém tem a capacidade de ver o que os outros não conseguem perceber: “Observar a realidade pelo canto do olho, isto é: pensar ligeiramente ao lado. A isto chama-se criatividade. Daqui saíram todas as teorias científicas importantes” (Tavares 75).

Perspetivar a utopia à luz das teorias e considerações acima enunciadas equivale a valorizar, no pensamento utópico, a sua capacidade para ver mais além. A imaginação utópica é, neste sentido, entendida essencialmente como estratégia de busca de indícios, de possibilidades ainda por revelar, mas que estão apenas à espera de serem encontradas. A chegada do barco à ilha desconhecida – episódio fundador dos primeiros relatos utópicos, escritos na esteira de *Utopia*, de Thomas More – poderá pois ser entendida como metáfora do “achamento” de mais uma ideia, de mais uma possibilidade.

Esta imagem da utopia enquanto *estratégia* tem vindo a ganhar cada vez mais terreno nas últimas décadas, no âmbito da crítica publicada na área dos Estudos sobre a Utopia. A utopia é perspetivada, neste sentido, como uma forma de pensamento, um modo particular de se analisar a realidade e de com ela se interagir (um modo de “resistência” e de transformação da realidade feito a “partir de dentro”, como queria Deleuze quando defendia a ideia de “utopias imanentes”)⁶. Interessa contudo distinguir esta *forma de pensamento* (isto é, a utopia enquanto estratégia) do *pensamento utópico* propriamente dito (embora o primeiro esteja contido no último). A língua portuguesa não nos oferece um léxico que torne esta distinção evidente; em inglês, contudo, a coexistência de duas palavras com a mesma raiz permite dar conta destas nuances: “utopian thought” refere-se à história do pensamento utópico, no seu conjunto, incluindo todas as utopias que foram já escritas, isto é, todas as possibilidades que foram já pensadas; por outro lado, “utopian thinking” refere-se à estratégia de pensamento de que acima falei.

No contexto de crise em que vivemos, urge falarmos tanto de “utopian thought” como de “utopian thinking”. A referência ao “utopian thought” justifica-se pela necessidade de se contrapor às acusações de que as utopias são meras fantasias o exemplo de tantas utopias do passado que foram entretanto concretizadas. Aos mais cépticos, poderão ser evocados os exemplos da ciência

(a utopia da cura de doenças outrora consideradas mortais) e da tecnologia (que tem vindo a concretizar projetos que no passado foram apontados como fruto de imaginações demasiado férteis). A referência ao “utopian thinking” tornou-se entretanto uma necessidade. Se a utopia é uma estratégia, se as realidades existem – como afirma Galeano – mas não nascem porque nós não as conseguimos ver, o caminho que nos levará para longe da crise só poderá ser percebido se utilizarmos estratégias que nos “treinem o olhar”, que nos façam conseguir ver pelo canto do olho.

Falar de utopia em tempos de crise implica pois assumir uma intencionalidade pedagógica: o discurso do estudioso da utopia, validado pela confirmação de que muitas realidades do nosso presente foram no passado consideradas utopias, deve ser oferecido como método para desbravar novos caminhos. Não que o estudioso de utopias seja particularmente iluminado, isto é, que tenha encontrado já esses caminhos. Ele tem contudo a seu favor a luz da esperança utópica, e com ela poderá iluminar quem com ele queira desbravar novos mares. Será que poderemos ser guias do desconhecido? Quem fala de utopia em tempos de crise, quem defende a validade da estratégia utópica, quem exorta os ouvintes / leitores à procura do que está nas margens à espera de ser avistado, assume a função de timoneiro de um navio (como o que Saramago descreve em *O Conto da Ilha Desconhecida*) que transporta homens e mulheres com as mãos nos olhos, a servirem de pala, perscrutando o horizonte, na expectativa de serem os primeiros a gritar “Terra à vista” – e que acabam por perceber que a utopia está na procura, num processo de demanda que tem o efeito positivo de nos levar sempre mais além, de não nos deixar ficar parados.

Referências Bibliográficas:

Aranguren, José Luís. "Utopia Y Libertad". *Revista de Occidente*. Extraordinário IX / 33, Fev. Mar. 1994.

Baczko, Bronislaw. *L'Utopia: Immaginazione Sociale e Rappresentazioni Utopiche nell'Età dell'Illuminismo*. Trad. Margherita Botto e Dario Gibelli. Torino: Giulio Einaud, 1979.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix. *What is Philosophy?*, trans. Hugh Tomlinson and Graham Burchell, New York, Columbia University Press, 1994.

Lasky, Melvin. *Utopia and Revolution: On the Origins of a Metaphor, or Some Illustrations of the Problem of a Political Temperament and Intellectual Climate and How Ideas and Ideologies Have Been Historically Related*. Londres: MacMillan, 1977.

Ricoeur, Paul. *Lectures on Ideology and Utopia*. Ed. George H. Taylor. New York: Columbia University Press, 1986.

Sousa Santos, Boaventura. *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge, 1995.

Tavares, Gonçalo M., *Breves Notas sobre a Ciência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

¹ Baczko 1979 (tradução minha).

² José Luís Aranguren oferece-nos uma definição operacional da "imagem utópica", traçando a fronteira que existe entre este conceito e o de "imaginação". Segundo o autor, a imaginação é dinâmica e criativa, caracterizando-se por um movimento sem fim. Já a imagem é o produto do ato de imaginar, sendo a cristalização de uma ideia. As utopias são imagens (isto é, produtos fechados e acabados), maquetes, modelos que aspiram a ser concretizados (cf. Aranguren 1994).

³ Afirma Lasky: "[utopia is a mirror, and] a mirror, no matter how it creatively distorts, can reflect only the shapes and shades that are there" (Lasky 11).

⁴ Todas as traduções desta obra de Boaventura Sousa Santos são da minha autoria.

⁵ Eduardo Galeano fez esta afirmação no programa televisivo *O Tempo e o Modo*, emitido pela RTP2 no dia 17 de maio de 2012 (episódio 2/11).

⁶ Sobre o assunto, cf. Deleuze & Guattari 1994.